

Bairros rurais do Sul de Minas Gerais

Eneida Carvalho Ferraz Cruz



Técnica em Arquitetura do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), 13ª SR Minas Gerais, São João del-Rei [MG]. Arquiteta e Urbanista. Varginha [Minas Gerais], Brasil. <eneida_carvalho ferrazcruz@yahoo.com.br>.

Resumo

Esse artigo tem por objetivo mostrar as formas de ocupação do espaço rural na serra da Mantiqueira no sul de Minas Gerais, especificamente na região que abrange parte da bacia do rio Verde e parte da bacia do Sapucaí. Dentro da mesorregião Sul-Sudoeste de Minas, o recorte espacial do estudo recaí sobre a microrregião de Itajubá – municípios de Cristina, Delfim Moreira, Dom Viçoso, Itajubá, Maria da Fé, Piranguçu, Venceslau Brás, e na microrregião de São Lourenço, com um caso no município de Carmo de Minas. Resultado do Inventário de Conhecimento do Patrimônio Rural, realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 2007 e que tinha como objeto o levantamento das fazendas produtoras de café, o presente relato discorre, ainda sobre a paisagem natural e o ambiente rural construído paralelamente a tais fazendas. A organização espacial dos bairros, ora em núcleos adensados, ora em distribuição rarefeita no território, aqui apresentada, busca mostrar uma outra vertente do processo de apropriação do território. Nesse contexto, analisa principalmente as casas de habitação, com ênfase para a implantação no terreno e os sistemas construtivos, dando destaque à técnica de alvenaria autoportante de tijolos, de meados do século XX. Ao estudar essa paisagem e procurar conhecer os modos anteriores de uso do espaço rural, o texto aponta para o reconhecimento e valorização do patrimônio cultural, como subsídio para um planejamento e desenvolvimento sustentável e como contribuição para reforço da identidade dessas comunidades rurais, com possíveis e desejáveis desdobramentos no campo educativo e econômico.

Palavras-chave

Sul de Minas, arquitetura rural, bairro rural.

South of Minas Gerais Rural districts

Abstract

This article aims to demonstrate the forms of occupation in the rural area of the South of Minas region, specifically in the region comprising part of the Verde River basin and part of the Sapucaí River Basin. Within the South-Southwest region of Minas Gerais, our study points to the Itajubá micro region, with the municipalities of Cristina, Delfim Moreira, Dom Viçoso, Itajubá, Maria da Fé, Piranguçu, Venceslau Brás, and in the micro region of São Lourenço, with an case in the municipality of Carmo de Minas. As a result of the Rural Heritage Inventory, accomplished by IPHAN – in 2007, which aimed the survey of the coffee-producing farmhouses, the current report discusses the natural landscape and the rural environment built along these farms. The here presented spatial organization of the districts – sometimes in dense clusters, other times in rarefied distribution throughout the territory – seeks to show another side of the occupation process of the territory. In this context, this study analyses mainly the dwelling houses, emphasizing its situation on the terrain, and the constructive systems, underscoring the self-sustaining brick masonry from the mid-XX century. By studying this landscape and trying to understand the previous ways of using rural space, the text points to the acknowledgment and the appreciation of cultural heritage, as a subside for planning and sustainable development and also as a contribution for the reinforcement of the identity of these rural communities, with possible and desirable unfolding in the education and economical fields.

Keywords

South of Minas Gerais, rural architecture, rural districts.

Apresentação

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), através do Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização (Depam) e de suas superintendências em Minas Gerais e São Paulo, está realizando uma ação de Inventário do Patrimônio Rural, que abrange o Vale do Paraíba Paulista e Sul de Minas. Essa ação integra-se aos projetos estratégicos de fomento a Inventários de Conhecimento em todo o território nacional, iniciados em 2006, no qual são realizados estudos relacionados a projetos regionais (das Estradas Coloniais, das Tropas, do Peabiru, das Monções), patrimônio naval, patrimônio ferroviário, patrimônio jesuítico, patrimônio natural e paisagens culturais.

Nessa linha já foram reconhecidos alguns trabalhos. As temáticas do Patrimônio Naval Brasileiro e da Imigração Japonesa, ambos estudos recentes, culminaram em propostas concretas de proteção e valorização de áreas do patrimônio cultural brasileiro que ainda não haviam sido exploradas pela instituição.

Nos processos de atribuição de valor das expressões culturais do período e nas regiões de café do Vale do Paraíba paulista, somente a Fazenda Pau d'Alho em São José do Barreiro e a Fazenda Resgate, em Bananal têm tombamento federal, com inscrição no Livro Histórico, sob os números 411 de 19-2-1968 e 416-A de 28-5-1969, e processos nº 0577-T-58 e nº 0529-T-65, respectivamente.

As regiões do Vale do Paraíba paulista e do Sul de Minas foram visitadas pela equipe do Iphan em 2007, para um levantamento sumário das fazendas remanescentes. Com o material colhido nas expedições foram feitas 49 fichas de inventário de casas de fazendas do Vale do Paraíba e 62 do Sul de Minas. As fichas completas são compostas dos seguintes itens: identificação do imóvel, situação e ambiência, mapa de localização, implantação, descrição arquitetônica, identificação gráfica, pesquisa histórica e registro fotográfico.

Como as fichas não contemplavam maiores detalhes e as observações feitas não se restringiam somente às casas-sede das fazendas, tornou-se útil descrever também a paisagem da região e o entorno das fazendas, assim como as técnicas construtivas das próprias sedes. Para proporcionar uma melhor noção do conjunto, assim como dar idéia da paisagem do entorno, foram feitos croquis esquemáticos, sem escala, e registro fotográfico.

A análise dos dados recolhidos pela equipe do IPHAN é parte do resultado do Inventário de Conhecimento realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano de 2007. Fruto do levantamento de campo, o relato aqui apresentado pautou-se também em estudos pioneiros no Sul de Minas e em trabalhos semelhantes em outras regiões de café.

Introdução

As fazendas de café do Vale do Paraíba, tanto as fluminenses como as paulistas, sempre foram objeto de estudo de historiadores, economistas e arquitetos. Muito se estudou e escreveu sobre a produção de café como também da arquitetura das casas e estruturas anexas para essa produção. Não foi diferente com o oeste paulista, a zona da mata mineira ou o norte do Paraná.

São também muitos os estudos sobre a cafeicultura recente, tanto na área técnica de agronomia específica do café, nos avanços de tecnologia, na economia, como na historiografia dessa fase que, a partir do PRRC (Plano de Renovação e Revigoração dos Cafezais), promovido pelo extinto IBC (Instituto Brasileiro do Café) nos anos 1970, deu novo impulso à cafeicultura dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná e à exportação brasileira.

Em relação ao patrimônio edificado, outras regiões de Minas Gerais, notadamente a Central e Zona da Mata, foram objetos de estudo sobre a arquitetura das propriedades rurais do século XIX. O arquiteto Sílvio de Vasconcelos fez estudos sobre propriedades rurais, porém sem incluir a região cafeeira, constituindo o inventário do IPHAN o primeiro passo em direção ao reconhecimento de valor expressões culturais das referidas regiões.

A história da arquitetura produzida, ou modificada, com a introdução e expansão do café na economia do Sul de Minas só mais recentemente, está sendo alvo de estudos mais acurados. Muito desse interesse se deve a lei estadual de dezembro de 1995, que estabelece políticas de proteção aos bens culturais locais, usando recursos do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços). Coube ao Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (Iepha/MG) a elaboração e implementação dos critérios para o repasse desses recursos aos municípios. Com essa atitude, os municípios se interessaram em estudar e proteger seu patrimônio construído.

O estudo, do patrimônio edificado do café no espaço sul mineiro, contou com um levantamento pioneiro em 1996, ano em que Cícero Cruz (2007) passou a investigar técnica da arquitetura de pau a pique das fazendas, sob orientação de Luís Antônio Dias Andrade, arquiteto pesquisador que coordenou o levantamento das fazendas de café realizado pelo órgão estadual paulista, Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) na região do Vale do Paraíba paulista.

Trabalhos acadêmicos como o de Ferdinando Filletto e Edgard Alencar de 2001, sobre a introdução e expansão do café na região sul de Minas Gerais, constatarem que há *“um vazio de quase 150 anos na historiografia cafeeira sul mineira”* (Filletto e Alencar, 2001, p. 2).

Esses autores também se ressentem da deficiência de estudos históricos, de bibliografia, da falta de um banco de dados sobre o café e até da inexistência de um espaço específico para guarda de outros materiais documentais, iconográficos e literários com ênfase no café de Minas Gerais.

Breve histórico

As fazendas de café do Vale do Paraíba/SP [São Paulo] e do Sul de Minas/MG [Minas Gerais], objetos deste estudo, fazem parte do processo histórico que teve repercussão internacional, deixou marcas visíveis e importantes no território brasileiro, como fazendas e núcleos urbanos e mobilizou contingentes populacionais africanos e posteriormente europeus, sem precedentes.

Na Serra da Bocaina, no Vale do Paraíba, onde a cultura do café durou poucas décadas, devido ao esgotamento do solo, a economia estagnou, o que teve como consequência a manutenção do patrimônio edificado. Na região da Serra da Bocaina, ainda se encontram exemplares da arquitetura daquele período que apesar de não estarem tão bem conservadas fisicamente, mantêm suas características originais isto é, em razoável estado de conservação e bom estado de preservação.

Ao contrário do Vale do Paraíba, no Sul de Minas o café recém chegado no início do século XIX, encontrou fazendas já montadas e embasadas em outras atividades econômicas. Pequenas adaptações foram feitas para receber a nova cultura que até nossos dias continua a ser a atividade econômica predominante, sem abrir mão das demais. A arquitetura, que perdurou durante todo o século XIX e entrou pelo XX afora, encontra-se em bom estado de preservação e conservação. Como está sempre em uso, a manutenção é constante, e as modificações foram poucas, somente as necessárias para adaptação às novas necessidades surgidas ao longo do tempo, sem comprometer suas características originais.

No século XX novas técnicas construtivas foram se introduzindo na região, enquanto a cafeicultura continuava como principal economia de exportação, também se modernizando. No século XXI a região dos melhores cafés do Brasil é a Serra da Mantiqueira, mais precisamente região de Carmo de Minas [MG], onde se localiza o objeto do presente estudo.

Paisagem rural

Partindo da rodovia Fernão Dias (BR-381) na altura de Pouso Alegre [MG], em direção a Cachoeira de Minas e Conceição dos Ouros, (BR-459), rumo às fazendas Chapada e Cachoeira, na paisagem seca do inverno prolongado predominam os tons amarelados. A plantação se ressentiu de água, mas as matas se mantêm.

Segundo a Cooperativa dos Cafeicultores da Zona de Varginha, que congrega vários municípios do entorno, estes já atingiram a recuperação da porcentagem de área de mata exigida pela legislação, que é de 20%. (Dados obtidos na própria cooperativa, em 2005). Os pastos estão secos, porém não se tem notícia de perda de criação por esse motivo. Os rios nesta região são perenes. Apenas algumas nascentes diminuem. Neste ano de 2007, o período de chuvas está bastante atrasado.

Interessantes cercas de esteira de taquara dividindo terrenos fazem parte dessa paisagem, assim como corredores de mandioca para fazer polvilho. À beira da estrada se divisam estruturas para criação de gado de leite e de corte. A vargem que acompanha o rio Sapucaí Mirim é cheia de meandros abandonados e a mata ciliar está preservada. Os pastos de quando em quando são interrompidos por alguma mata e plantação de eucaliptos, mas as árvores que mais se destacam e caracterizam a paisagem são as araucárias.

De Itajubá a Piranguçu o morro da Piedade domina a paisagem. A seus pés, nas vargens, com plantações de arroz na água, os lavradores, de calças arregaçadas e metidos até a canela no charco, evocam aquelas paisagens chinesas divulgadas em livros de geografia das escolas secundárias. Pequenas casas de sítiantes acompanham o pé do morro, acima da linha de inundação da vargem. Unindo-as há estradas de terra que conduzem ao núcleo do povoado. Silos cilíndricos de encosta apontam para a presença de atividade pecuária. Além do arroz na vargem, há sorgo e milho para silagem, plantados entre morros suaves.

Ainda no município de Itajubá [MG] em direção à cidade de Piranguinho [MG], após a fazenda Santa Tereza, no caminho dos Antunes voltam a aparecer vargens ao pé do morro da Piedade. Alinhadas em estrada de terra que acompanha uma curva de nível, do lado oposto da vargem com plantação de sorgo, as casas são de tijolo com alpendre e telha francesa. Nos pastos, de tempos em tempos, grandes cochos de pneus de trator, cortados em duas circunferências, repousam sobre suporte de madeira. Algumas cercas são de régua, mas a maioria é de arame farpado. Uma tabuleta anuncia a "Fazenda Alegria", com casa de tijolos revestidos, varanda e telhas francesas, como muitas da região. Mais outra casa, sem nome em tabuleta, e uma capelinha de beira de estrada, feita de tijolos como em toda a região, o que leva a deduzir que a intensificação de ocupação do território teria ocorrido no século XX, quando da popularização do tijolo como principal material de construção.

Formado por sítios, pequenos estabelecimentos rurais, esse pedaço de chão é povoado por várias casas de sítiantes, de maneira que não se anda na estrada sem se avistar ou passar por alguma. Preferencialmente elas são de tijolo com telhado de duas águas. Algumas têm panos de telhado descontraídos, ecos do modernismo, das décadas de 1950 e 1960. A atividade pecuária se faz presente na paisagem com capineiras de *napier*, estábulos recentes de estrutura metálica e telhas de amianto sobre cocheira, além de interessante muros de tijolo misto com pedra.

No circuito Itajubá, depreende-se que não há grandes ou significativas fazendas de café, porque a região não tem vocação para tal lavoura, seja devido a fatores climáticos ou de solo, seja pelo histórico de sua colonização. Somente na fazenda Santa Isabel foi encontrado cafezal. A predominância de casas de tijolo, menores e

mais próximas umas das outras, aponta para a estrutura fundiária baseada em sítios, com lavouras menos perenes e dispendiosas que o café. Sintomaticamente foi aí que se verificou maior concentração de bairros rurais.

De Itajubá para Dom Viçoso [MG], a partir do bairro da Água Limpa a estrada é de terra e se inicia a subida para vencer a serra da Água Limpa. Vêem-se ao longo do caminho pequenas casas de tijolos estruturais e telha francesa; poucas de pau-a-pique. À beira da estrada encontra-se mais uma capelinha. Esta é uma constante na região. Outra característica desse pedaço no alto da serra são as pontes de grossas tábuas sobre troncos de árvores aparelhados somente do lado de cima para receber as tábuas.

Após o bairro dos Pintos, cruzando o divisor de águas, passa-se da bacia do rio Sapucaí para a do rio Verde. Muda um pouco a paisagem, assim que se dobra a serra, onde o vale desce mais rapidamente e em poucos quilômetros a altitude na estrada cai de 1500m para menos de 900m. Descendo o vale, de vista exuberante, com araucárias dominando a paisagem, de um lado acham-se várias casas erguidas no sistema construtivo de tijolos auto-portantes. Do outro lado, na melhor face, terras de apenas uma fazenda, com muito café, banana, pasto e mata nas cumeadas.

No município de Carmo de Minas [MG], na área visitada, que fica ao longo da rodovia que leva à cidade de Cristina [MG], sintomaticamente não se encontram bairros, mas sim muitas fazendas de café como principal atividade agrícola, que possuem colônias. A paisagem da região, embora de mesmo substrato, araucárias, pastagens e matas nativas, é dominada pelas lavouras de café de plantio adensado, característica desse pedaço. O café, a banana e o leite, produtos que sustentam a economia, dão o aspecto típico às propriedades e suas estruturas construídas.

Bairros

Para além da arquitetura das fazendas, o ambiente da região e o entorno das fazendas é importante, pois o planejamento do espaço de uma fazenda, faz parte da identidade do espaço rural, com suas lavouras, benfeitorias, caminhos. Entre as fazendas, surgem os bairros rurais, com sua arquitetura diferenciada daquelas. O processo de formação desses aglomerados, espaços não urbanos ou semi-urbanos, assim como sua particular arquitetura, ainda está por ser mais bem estudado. A paisagem formada, tanto a natural quanto a construída constituem um caso único. Assim tornou-se útil descrever também essa paisagem.

Nos locais onde há mais fazendas de café, encontramos menos bairros e mais colônias. As colônias, como concentrações de casas pertencentes à fazenda, dão conta de abrigar a mão de obra que nela trabalha. Nos bairros a população tem autonomia para trabalhar onde quiser: em sua própria propriedade, ou prestar serviço ao vizinho, como ocorre na época de colheita de café – meses de maio a setembro.

Os habitantes dos bairros possuem casa própria, diferentemente dos moradores de colônias, cujas casas onde moram pertence ao dono da fazenda, fato interessante para deslindar as relações que se tecem no meio rural. Independente desses fatores, encontram-se semelhanças na paisagem rural das fazendas e dos bairros desse pedaço de Minas Gerais, marcado pela presença obrigatória da serra da Mantiqueira e seus contrafortes como pano de fundo e, às vezes, o próprio palco.

Em pequenas aglomerações ou em distribuição rarefeita no território, os chamados bairros rurais mostram o processo de organização urbanística de uma porção territorial. É imensa a quantidade de bairros rurais na região e, dos vinte aqui registrados, a maioria está localizada em grandes altitudes relativas, na serra da Mantiqueira e distribuída por 10 municípios, pertencentes à bacia do rio Sapucaí:

- Bairro dos Mouras, em Piranguçu [MG];
- Bairro Figueiras, em Itajubá [MG];
- Bairro da Água Limpa, em Itajubá, Delfim Moreira e Wenceslau Brás [MG];
- Bairros Biguá, Salto, Taquaral, Rio Claro e Barra, em Delfim Moreira [MG];
- Bairros Mendanha, das Posses, Mata do Isidoro, Carneiros e Pintos Negreiros, em Maria da Fé [MG];

Outros vertendo para a bacia do rio Verde:

- Bairros Cachoeira, Viçoso Velho, Bocaina e Serrinha, em Dom Viçoso [MG];
- Bairro Campos da Matinada, em Carmo de Minas [MG];
- Bairro Vargem Alegre, em Cristina [MG];

E, novamente na bacia do rio Sapucaí:

- Bairro Capote, em São José do Alegre [MG].

As características de ocupação, assim como as construções que o compõe, guardam semelhanças, mas também algumas diferenças, podendo ser classificadas em dois grupos principais, segundo a distribuição das casas pelo território: os concentrados, com núcleos densos, e os espalhados, sem um centro principal. Como exemplo dos primeiros temos o bairro dos Campos da Matinada, pertencente ao município de Carmo de Minas e a Vargem Alegre, em Cristina. Do segundo tipo são o bairro dos Mouras, em Piranguçu, e Biguá e Taquaral, em Delfim Moreira.

Descrição dos bairros

Bairro dos Mouras, em Piranguçu [MG]

Não foi visitado o núcleo do bairro, mas sim algumas propriedades distribuídas ao longo do território. A casa mais interessante, um chalé eclético com nome – Villa Santa Thereza –, é uma das fazendas, ou sítios pertencentes ao bairro.



Figura 1. Casa do tipo chalé, no bairro dos Mouras, em Piranguçu [MG]. Croqui: Eneida Cruz.

Bairro Figueiras, em Itajubá [MG]

Atravessando o limite dos municípios de Itajubá e Piranguçu, no bairro Figueiras, encontra-se uma igreja rural. Localizada na beira da estrada, facilita o acesso aos fiéis, moradores do bairro, que é espalhado, com concentração apenas de umas poucas casas predominantemente de tijolo, ao longo do caminho de atrás da igreja. Na paisagem desta região, além de pastos, há mata nativa secundária, pés de angico e cedro à beira da estrada.



Figura 2. Bairro Figueiras, em Itajubá [MG], com igreja à direita. Croqui: Eneida Cruz, 2007.

Bairro da Água Limpa, em Itajubá, Delfim Moreira e Wenceslau Brás [MG]

De Itajubá rumo à fazenda da Barra, por estrada asfaltada (BR 459) na divisa de três municípios – Itajubá [MG], Delfim Moreira [MG] e Wenceslau Brás [MG] –, fica o bairro da Água Limpa, de núcleo bastante povoado, com igreja, escola e várias casas. Uma delas é a sede da fazenda de nome “Água Limpa” que deu origem ao bairro. Outras casas, dos filhos do antigo proprietário foram brotando de um lado e do outro do ribeirão, em um e outro município. O asfalto aí chegou em 1980. O bairro fica em uma pequena vargem entre morros e o riacho faz jus ao nome. As casas guardam boa distância entre si e ficam perto do caminho. Os edifícios institucionais formam um pequeno núcleo urbano, no ponto onde as estradas se transformam em ruas. Daí parte a estrada de terra para o bairro da Barra, em Delfim Moreira, este também em entroncamento e divisa de vários municípios: Itajubá, Maria da Fé, Virgínia e Delfim Moreira.



Figura 3. Bairro Água Limpa. Divisa dos municípios mineiros de Itajubá, Delfim Moreira e Venceslau Brás. Croqui: Eneida Cruz, 2007.

Biguá, em Delfim Moreira [MG]

Em linha de trem desativada que levava de Itajubá a Passa Quatro, a estação – ou parada – de trem Biguá, ainda mantém a casa conservada. A estrada de rodagem aproveitou o antigo leito da ferrovia, portanto a casa fica rente a ela, apenas separada por cerca de réguas de tábuas, colocadas na vertical. Durante o trecho em que a estrada acompanha o leito da ferrovia, as subidas são suaves. Hoje a estação é casa de moradia.



Figura 4. Estação de trem do bairro Biguá, em Delfim Moreira [MG]. Croqui: Eneida Cruz, 2008.

Bairro do Salto, em Delfim Moreira [MG]

O bairro do Salto possui um pequeno núcleo no alto da montanha, dominado por uma igreja dedicada a São Sebastião.

Bairro Taquaral, em Delfim Moreira [MG]

Existem bairros rurais com núcleos bastantes povoados e bairros espalhados, sem um núcleo determinado. É o caso do bairro Taquaral, que fica em uma região de grande altitude e difícil acesso, pouco povoada, onde os moradores se sentem tão felizes e honrados com as visitas que recebem, que querem retê-las por mais tempo.

Em maior altitude, onde vicejam muitas araucárias e eucaliptos e os rios são limpíssimos, num bonito cenário entre buganvílias, jabuticabeiras e cabritos, caminho em curva vencendo o desnível suavemente, se alteia a sede da fazenda Taquaral, que dá nome ao bairro. Construída em 1927, está implantada mais acima da estrada e no pé do morro, o que, além de proteger das intempéries, permite uma boa visada com domínio da paisagem próxima.

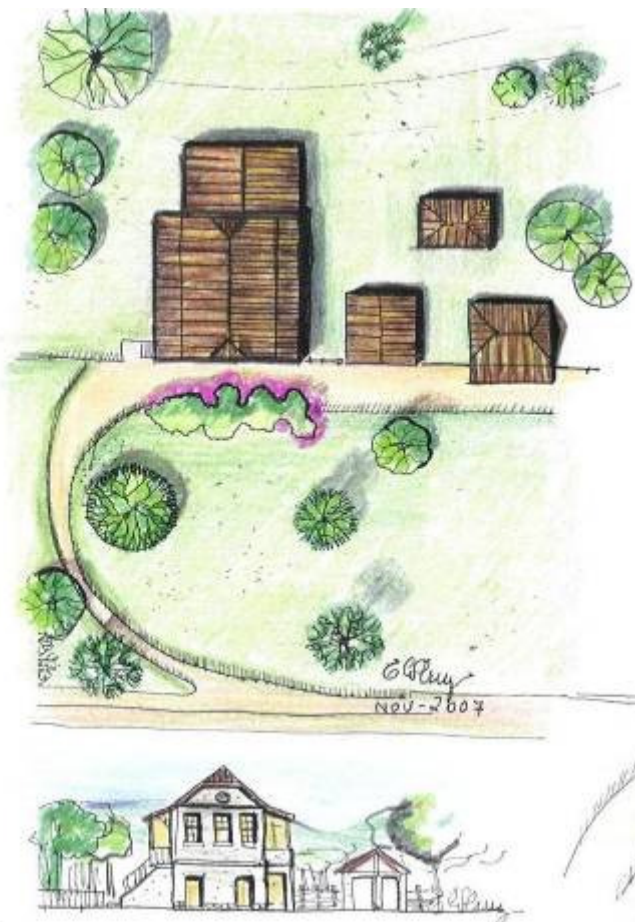


Figura 5. Casa da fazenda Taquaral, no bairro de mesmo nome. Município de Delfim Moreira [MG]. Croqui: Eneida Cruz, 2007.

Bairro Rio Claro, em Delfim Moreira [MG]

Em implantação desajeitada, com a estrada fazendo muita curva e sem visão integral do núcleo, fica o bairro Rio Claro. No último quartel do século XX foi descoberto por turistas ávidos pelo sossego das montanhas, ou por “gente de fora”, isto é, pessoas que não possuem raízes no local, ou que saíram morar em grandes cidades, perderam parte de seus vínculos com o meio rural e voltaram com idéias diferentes quanto à maneira de morar. As casas, de fim de semana, em lotes muito pequenos para o tamanho de terra disponível na região, são cercadas por altos muros, à beira da estrada, o que em nada contribui para o embelezamento e manutenção das características da paisagem. Ironicamente a paisagem foi o que essas pessoas foram buscar em terras de tão difícil acesso.

Bairro da Barra, em Delfim Moreira [MG]

O bairro rural Barra fica no local onde o rio Lourenço Velho recebe dois afluentes, conduzindo-os ao rio Sapucaí. Daí o nome: é a barra do Ribeirão dos Pintos e do Rio Claro. A fazenda da Barra, localizada nessa confluência, foi a primeira e continua sendo a grande construção da região. Com técnica construtiva de estrutura autônoma de madeira e vedos de pau a pique, a sede da fazenda foi implantada no alto, acima da barra propriamente dita, em terreno íngreme na subida do morro. Em torno da fazenda formou-se um bairro, com escola, igreja, bares e restaurante, açougue, posto de saúde, telefone, praças, fábrica de queijo e muitas casas de morada, algumas bastante confortáveis. Este é um dos poucos exemplares de fazenda do sul de Minas que mistura comércio e moradia na sua organização estrutural: a fazenda funcionava também como entreposto comercial. Fazendas com o mesmo agenciamento aparecem na região de Campinas [SP].

Também no bairro da Barra, alguns quilômetros distante do núcleo, a casa da Fazenda Primavera, nesta região isolada no alto da serra, serviu de entreposto comercial. Construída com estrutura de madeira, na sala da frente e no quarto ao lado aparecem vestígios do que foi o armazém. Atualmente há uma divisória de madeira entre eles.

O proprietário da casa e das terras – Sr. Afrânio – arrendava estas e comprava a produção dos arrendatários para comercialização. Ele próprio não exercia atividade rural.



Figura 6. Fazenda Primavera no bairro da Barra/Delfim Moreira. Croqui: Eneida Cruz, 2007.

Bairro Mendanha, em Maria da Fé [MG]

No município de Maria da Fé, no caminho que leva da Barra aos Pintos Negreiros, encontra-se o bairro Mendanha com suas casas espalhadas pelo território. Nele destaca-se o casarão da fazenda Monte Alegre, de estrutura de madeira e vedos de pau a pique, construído pela família Coli em 1855. Com pouca vizinhança, está localizada à montante da estrada, em região bastante alta, com pastos, muita araucária e mata densa na encosta acima.

Bairro das Posses, em Maria da Fé [MG]

Muito próximo à sede do município de Maria da Fé, o bairro das Posses possui um núcleo mais densamente povoado em torno da Igreja e Escola e, daí em diante as casas se espalham em sítios pela região, sendo muitas delas de tijolo e cobertura de telhas francesas, de meados do século XX.



Figura 7. Casas próximas ao núcleo do Bairro das Posses, em Maria da Fé [MG]. Araucárias, mata e plantação de batatas no alto. Foto: Eneida Cruz, 2008.

Mata do Isidoro, em Maria da Fé [MG]

Situado em grande altitude e, assim como o bairro citado anteriormente, na Mata do Isidoro existe um núcleo concentrado e vários sítios espalhados, onde se cultivam produtos hortifrutigranjeiros, que abastecem principalmente o Vale do Paraíba paulista.

Carneiros, em Maria da Fé [MG]

Concentração de casas em terreno bastante acidentado, às margens de um dos afluentes do ribeirão dos Pintos. A região é propícia ao cultivo da batata, devido à grande altitude. Galpões para armazenamento do produto, de construção mais recente, aparecem ao lado das casas de morar.



Figura 8. Bairro Carneiros, em Maria da Fé [MG], ao amanhecer. Casa em alvenaria de tijolo, característica da região. Fotos: Eneida Cruz, 2008.

Pintos Negreiros, em Maria da Fé [MG]

O vale do ribeirão dos Pintos fica em grande altitude, (por volta de 1400m) e se desenvolve em linha por mais de cinco quilômetros quase planos, ao longo dos quais se distribuem pequenos sítios com suas casas que, por vezes ficam mais agrupadas, formando núcleos adensados. Há uma igreja principal no bairro, na parte chamada Negreiros e outra menor, na área mais abaixo chamada Pedreira. Em torno delas é que se desenvolve a maior concentração de casas.

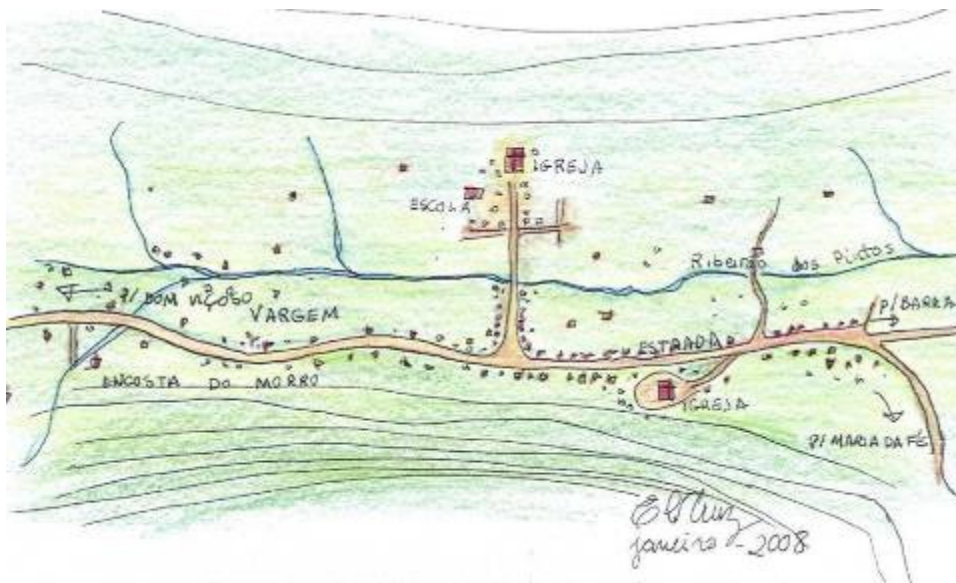


Figura 9. Bairro dos Pintos, em Maria da Fé [MG]. Croqui: Eneida Cruz, 2008.

Cachoeira, em Dom Viçoso [MG]

O bairro, sem um núcleo principal, se desenvolve ao longo e acima da vargem, ao pé do morro, acompanhando sempre uma curva de nível e acima da linha que delimita a área inundável.

Viçoso Velho, em Dom Viçoso [MG]

Seria originalmente a sede da vila. O sítio onde se localiza foi considerado impróprio e a vila transferiu-se para novo local, cidade batizada de Rosário, atualmente Dom Viçoso, passando aquele a se denominar Viçoso Velho. A igreja do bairro é de construção recente: última década do século XX. Fato semelhante ocorreu em outros municípios do Sul de Minas, como por exemplo, no de Cambuí, em fins do século XIX. As vilas eram abandonadas em favor de outra mais nova e planejada, em sítio considerado mais propício.



Figura 10. Viçoso Velho, em Dom Viçoso [MG]. Implantação da igreja acima do conjunto de casas. Vargem em primeiro plano. Foto: Eneida Cruz, 2008.

Bocaina, em Dom Viçoso [MG]

Situa-se na confluência de caminhos para Dom Viçoso, Virgínia, São Lourenço e São Sebastião do Rio Verde. As casas do núcleo, onde se localizam a igreja, a escola e o campo de futebol, têm ao redor área relativamente farta, com quintal, horta, jardim e pequenos roçados, e, espalhadas pelo bairro há casas mais distantes, sedes de sítios e fazendas. A igreja do bairro é de construção recente: final do século XX.

Ponte de Pedra, em Dom Viçoso [MG]

Em bairro de casas espalhadas, a igreja fica solitária à beira da estrada, sem nenhuma casa ao redor.

Serrinha, em Dom Viçoso [MG]

Situado entre o pé do morro e a vargem, o bairro possui campo de futebol, igreja, escola, além da infra-estrutura de “mercadinhos”, vendas e bares.

Campos, em Carmo de Minas [MG]

Bairro com núcleo bastante desenvolvido em relação aos vizinhos. Além de igreja, escola, o núcleo do bairro possui centro de saúde, indústria de laticínios e comércio variado. Antigamente era denominado “Campos da Matinada”.

Bairro Vargem Alegre, em Cristina [MG]

O bairro Vargem Alegre está localizado em uma grande e bonita vargem, que chega até a cidade de Olímpio Noronha, também conhecida como “Parada”, por haver ali uma parada de trem. No século XIX, em volta dessa vargem floresceram muitas fazendas, que além do café, produziam mantimentos para a capital: Pinhal, Água Limpa, da Pedra de Baixo, da Pedra de Cima, Transval. O núcleo de bairro está situado sobre uma colina no início do morro, dominado pela igrejinha, com casas do século XX, de tijolos e telhas cerâmicas. Emoldurando o bairro e algumas fazendas, fica a cadeia de montanhas que culmina com o pico Pedra Branca. Aí a região toma o nome de Sertão da Pedra Branca e, pelo mesmo motivo, o município vizinho tem o nome de Pedralva.

Assemelhando-se a um bairro o núcleo da Fazenda Bela Vista em Pedralva [MG] é formado por razoável número de casas, com igreja e demais equipamentos comunitários, mas é apenas parte da fazenda e não tem características de bairro. A casa-sede é da técnica construtiva de tijolos auto-portantes.

Casas

Na região alta dos municípios de Maria da Fé, Dom Viçoso, Delfim Moreira e em grande parte de outros municípios do sul de Minas, as construções de tijolo auto-portantes aparecem sistematicamente, salpicando serra da Mantiqueira. Localizam-se sempre à meia encosta. Não são casas ricas de grandes fazendeiros de café, nem têm o trato refinado destes, mas têm a solidez que reflete a constância da economia de seus proprietários.

A sede da fazenda Água Limpa, no bairro de mesmo nome, em Delfim Moreira, na divisa com os municípios de Itajubá e Venceslau Brás, é uma casa de características rurais, com curral ao lado, capim quicuia na frente assim como em toda a vargem do riacho. Sua construção data da passagem do século XIX para o XX e mistura técnicas e materiais, o que pode ser notado principalmente na estrutura autônoma de madeira, sobre alicerce de grandes pedras. Em frente a esta casa, do outro lado do ribeiro, há outras duas casas-sede, de dois dos irmãos do proprietário da fazenda Água Limpa, cada qual em um município.

Uma delas, no município de Venceslau Brás, foi construída em 1930 e é graciosa, com a cobertura de várias águas de telhas francesas originais, alpendre em arco e cerca de ripas a dividi-la da imensidão do pasto. A outra casa, no município de Itajubá, é de construção mais recente, de telhado de duas águas, também do lado oposto do ribeirão e mais ao alto do morro.

No bairro Taquaral destaca-se construção do começo do século XX – exatamente de 1927, como diz a inscrição no oitão. Na época costumava-se datar e nomear as

casas, moda vinda com a estrada de ferro, que se antes não havia, depois também não teve continuidade. A casa é de tijolo estrutural, planta retangular, fachada principal vertical, com oitão, telhado de duas águas, ponto alto, e cumeeira chanfrada, cunhal arrematado por tijolos aparentes, hoje pintados. Sofreu alguma transformação ao longo do tempo, mas mantém as principais características originais: as três janelas verticais da fachada da frente são simétricas com floreiras embaixo e trabalhos de massa em torno delas. Tem porão alto na frente, beiral com mãos francesas, varanda lateral para o acesso principal e janelas e portas almofadadas.

No Bairro dos Pintos, com características rurais e urbanas vão se sucedendo as casas, com destaque para as que foram construídas como sedes de fazendas. Algumas mais simples ou mais antigas utilizam o sistema construtivo de estrutura autônoma de madeira, como é o caso da casa com parreira sob o beiral (sítio Santa Cruz) e de uma outra à beira da estrada/bairro. Localizadas ao longo do caminho, ambas têm base de pedras, paredes de pau-a-pique e janelas também de madeira, de calha, pintadas de azul claro. Como são construções singelas, suas janelas não possuem guilhotinas. Os telhados são de telhas francesas. Essa técnica construtiva ainda é usada pelos moradores da região que, apesar dos poucos recursos financeiros, possuem conhecimento da arquitetura vernacular.

Outras casas que foram sedes de fazendas já utilizam tijolos auto-portantes. Localizam-se à meia encosta e são mais espaçadas entre si que as da beira da estrada. São construções robustas, inclusive no aspecto. Têm sempre a base de pedra, até que saia do nível do chão, continuada por tijolos (tijolo e meio), de largura maior que as paredes perimetrais (tijolo inteiro), por sua vez mais espessas que as paredes internas (meio tijolo).

Nas construções desse bairro há, até hoje, uma composição entre os materiais adquiridos comercialmente e os confeccionados *in loco*, o que justifica a técnica mista das casas. As tintas e as cores usadas são ainda as do pigmento conhecido como “pó xadrez”, acrescentado à cal branca. Desse modo, as paredes costumam ser creme, os barrados do porão vermelho-claro e as janelas azul-claro.

A planta, em alguns casos, ainda é parecida com a das casas de pau-a-pique, com o corpo principal e seu apêndice de serviços; em outros, é apenas o retângulo. As varandas são embutidas, isto é, são reentrâncias no corpo da casa, localizadas em uma das quinas. Com isso o retângulo não tem saliências nem quebras. Os guarda-corpos das varandas são de balaústres pré-fabricados de cimento, de cobogós, ou feitos no local com tijolos trabalhados em inventivos arranjos. Às vezes, esses guarda-corpos são totalmente vedados por tijolos. Os pisos das varandas costumam ser de ladrilho hidráulico ou cimento queimado.

As antigas portas e janelas de calha da arquitetura antecessora - pau a pique - foram sucedidas por elementos industrializados ou semi-industrializados construídos em serrarias ou marcenarias. Assim vemos que nas janelas adota-se um sistema de venezianas conjugadas com portinholas de madeira sobre esquadria de vidro, e as portas são de almofadas. Na fachada principal faz-se um oitão, mais por uma questão de composição formal do que por necessidade de caimento das águas.

Para cobertura são usadas as telhas do tipo francesas e para o assoalho, tábuas sobre barrotes. Os alicerces apresentam aberturas para ventilação do assoalho, o que mantém a casa com boa salubridade. O porão, cercado por esses alicerces, tem pé direito sempre mais baixo que do piso principal e nunca é utilizado como moradia.

Em clima de temperaturas extremamente baixas nas noites de inverno, mas com dias quentes e muito ensolarados, essas casas mantêm um agradável conforto térmico, não só devido ao porão, mais alto ou mais baixo, mas também por outros fatores, que infelizmente não são observados nas novas casas da região para as quais talvez se tenha perdido a receita. Em primeiro lugar vem o fator implantação. Se não há terras ou não se pode construir na face ensolarada do vale, como a maioria dessas casas, ao menos se procura a meia-face na propriedade, evitando sempre a face noruega.

O beiral pequeno, de não mais que 50 cm de projeção, sem fazer muita sombra, permite que o sol, abundante durante todo o dia, aqueça as paredes. Como são de tijolo inteiro, de aproximadamente de 30 cm de espessura, recebem o calor, retêm-no, liberando-o depois, lentamente, para o interior da casa durante a noite. Diferentemente da pedra, a condutibilidade térmica do tijolo cozido é menor. A mesma função é dada ao telhado, que, por ser de quatro águas de telhas cerâmicas francesas, forma um colchão de ar.

As vedações feitas por janelas e portas de madeira são eficientes em seus encaixes e sistema de escoamento das águas da chuva. Nesta região há o costume, ao menos nas casas deste porte, de se escancarar as janelas de manhã, para a troca do ar “viciado”, e somente fechá-las imediatamente após o sol se pôr. Assim o calor é guardado para enfrentar as noites em que facilmente a temperatura cai abaixo de zero. Nessas casas, pelo menos em dois momentos, as técnicas de trabalhar com o tijolo são admiráveis: nas abóbadas sob as escadas e encimando os vãos das janelas e das portas.

Considerações

Assim como há duas maneiras principais de ocupação e organização do espaço em bairros rurais, concentrada ou diluída pelo território, também são dois os sistemas construtivos das arquiteturas residenciais predominantes nesses bairros – da casa de pau a pique e da casa de tijolo – e nota-se o início de um outro tipo de ocupação, como no caso do bairro do Salto, com uma nova arquitetura, que utiliza elementos pré-fabricados em maior escala.

Na arquitetura, a técnica do tijolo auto-portante, muito usada na região até início da segunda metade do século XX, foi aos poucos sendo abandonada e não se encontrou caso que demonstrasse a continuidade de seu uso. Utilizando uma técnica anterior ao aparecimento, à divulgação e à disseminação do cimento e do ferro como materiais estruturais, essa arquitetura usa somente o tijolo, tanto para a estrutura como, ao mesmo tempo, para a vedação. Mesmo sem ser praticado nas

últimas décadas, o número de exemplares remanescentes que não foram descaracterizados, pode permitir o ressurgimento da técnica.

Os bairros rurais são formas particulares de organização territorial e social fartamente difundidas na região da serra da Mantiqueira do Sul de Minas. O conhecimento dos modos anteriores de apropriação e utilização do espaço rural deverá contribuir para o planejamento um desenvolvimento rural sustentável.

O estudo dessa paisagem cultural, integrado à valorização da memória, poderá levar ao reconhecimento do patrimônio cultural, fortalecer a identidade das comunidades locais, com conseqüências positivas nos âmbitos educacional e econômico.

Referências

BENINCASA, Vladimir. **Fazendas Paulistas. Arquitetura Rural no Ciclo do Cafeeiro**. Tese apresentada ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos, 2007.

CJ Arquitetura, nº 19. Ano 1978. FC Editora. Rio de Janeiro

CRUZ, Cícero Ferraz. **Fazendas do Sul de Minas Gerais: Arquitetura Rural nos séculos XVIII e XIX**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos, 2008.

DELPHIM, Carlos Fernando Moura. **Manual de Intervenção em Jardins Históricos**. Brasília: IPHAN, 2005.

FERRAZ, Marcelo Carvalho. **Arquitetura rural na Serra da Mantiqueira**. São Paulo: Quadrante, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

FILETTO, Ferdinando e ALENCAR, Edgard. **Introdução e Expansão do Café na Região Sul de Minas Gerais** in Organizações Rurais e Agroindustriais. Revista de Administração da Ufla. V.3 – Nº 1 – Jan/Jun – 2001

IPHAN. **Relatório de Atividades 2007**. Inventário de Conhecimento. Patrimônio Rural - Vale do Paraíba e Sul de Minas, 9ª Superintendência Regional, 13ª Superintendência Regional e Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização.

JUNQUEIRA, Walter Ribeiro. **Fazendas e Famílias Sul-mineiras**. São Lourenço: Gráfica e Editora Novo Mundo, 2004.

LEMOS, Carlos A. C. **Casa Paulista: história das moradas anteriores ao ecletismo trazido pelo café**. São Paulo: Edusp, 1999.

MARX, Murilo. **Cidade brasileira**. São Paulo: Edusp, Editora da Universidade de São Paulo: Editora Melhoramentos, 1980.

TAUNAY, Carlos Augusto. **Manual do Agricultor Brasileiro**. Organização Rafael de Bivar Marquese. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Equipe Técnica

Carla Pacheco – Depam

Eneida Ferraz – 13ª SR

Flávia Brito do Nascimento – 9ª SR

Simone Scifoni – 9ª SR

Anexo



Figura 11. Sul de Minas, próximo à divisa com São Paulo, na serra da Mantiqueira. Região de Itajubá, Pirangçu, Wenceslau Braz, Delfim Moreira, Dom Viçoso, Cristina, e Maria da Fé (ao centro), onde foram levantados alguns dos bairros rurais mencionados neste Trabalho. Imagem incorporada pelo Editor-chefe da Revista Labor & Engenho especialmente para esta publicação. Disponível em: <<http://www.terrasdamantiqueira.com/mapatm277.htm>>.